

հանր շեռն թո զթն իմպթթան . թո պլան ցոնշթո ցոնշ
թշգոն . զ ես ցոնթո թո զլընթն ցոնշ թշգոն . Նո
եհ . Նոթա զթթոն ալաթն գաղն թոն իալա



J.R.R.
TOLKIEN

CONTOS INACABADOS
DE NÚMENOR E DA TERRA-MÉDIA

Tradução de
RONALD KYRMSE



Harper
Collins

Rio de Janeiro, 2020

ի թոն իշեռն իա ոյալանոն ի ոն թոն աթոն թոնթոն ին թոն
իթոն իա թշոնթոն իթ ի պոն թոն իալա ի ի ես իա ցոնթ
թոն թոնթոնթոն թոն ինթոն ի թոն թշթոն :-

SUMÁRIO

Nota sobre a Edição	9
Introdução	11
PRIMEIRA PARTE: A PRIMEIRA ERA	
I. DE TUOR E SUA CHEGADA A GONDOLIN	35
Notas	80
II. NARN I HÎN HÚRIN	
<i>O Conto dos Filhos de Húrin</i>	87
A Infância de Túrin	87
As Palavras de Húrin e Morgoth	98
A Partida de Túrin	101
Túrin em Doriath	111
Túrin entre os Proscritos	123
Sobre Mîm, o Anão	138
O Retorno de Túrin a Dor-lómin	149
A Chegada de Túrin a Brethil	156
A Viagem de Morwen e Nienor a Nargothrond	160
Nienor em Brethil	171
A Chegada de Glaurung	176
A Morte de Glaurung	186
A Morte de Túrin	196
Notas	203
Apêndice	208

SEGUNDA PARTE: A SEGUNDA ERA

I. UMA DESCRIÇÃO DA ILHA DE NÚMENOR	229
Notas	237
II. ALDARION E ERENDIS	
<i>A Esposa do Marinheiro</i>	239
O Desenrolar Posterior da Narrativa	281
Notas	291
III. A LINHAGEM DE ELROS: REIS DE NÚMENOR	
<i>Da Fundação da Cidade de Armenelos</i>	
<i>até a Queda</i>	297
Notas	305
IV. A HISTÓRIA DE GALADRIEL E CELEBORN	
<i>e de Amroth, Rei de Lórien</i>	309
Notas	343
Apêndice A — Os Elfos Silvestres e sua Fala	346
Apêndice B — Os Príncipes Sindarin dos	
Elfos Silvestres	349
Apêndice C — Os Limites de Lórien	352
Apêndice D — O Porto de Lond Daer	353
Apêndice E — Os Nomes de Celeborn e Galadriel	360

TERCEIRA PARTE: A TERCEIRA ERA

I. O DESASTRE DOS CAMPOS DE LIS	365
Notas	374
Apêndice — Medidas Lineares Númenóreanas	381
II. CIRION E EORL E A AMIZADE ENTRE	
GONDOR E ROHAN	386
Os Nortistas e os Carroceiros	386
A Cavalgada de Eorl	395
Cirion e Eorl	402
A Tradição de Isildur	412
Notas	415

III. A DEMANDA DE EREBOR	425
Notas	432
Apêndice — Nota sobre os Textos de “A Demanda de Erebor” e excertos da versão mais antiga	433
IV. A CAÇADA AO ANEL	447
Da Viagem dos Cavaleiros Negros, de acordo com o relato que Gandalf fez a Frodo	447
Outras Versões da História	453
Acerca de Gandalf, de Saruman e do Condado	463
Notas	468
V. AS BATALHAS DOS VAUS DO ISEN	471
Notas	483
Apêndice	486
QUARTA PARTE	
I. OS DRÚEDAIN	499
Notas	509
II. OS ISTARI	513
Notas	530
III. AS PALANTÍRI	532
Notas	543
Índice Remissivo	549
Notas sobre as Inscrições em <i>Tengwar</i> e em Runas e suas Versões em Português	618
Notas sobre as Ilustrações	621

DE TUOR E SUA CHEGADA A GONDOLIN

Rían, esposa de Huor, morava com o povo da Casa de Hador; mas quando chegaram a Dor-lómin os rumores sobre as Nirnaeth Arnoediad, e ainda assim ela recebia nenhuma notícia do seu senhor, ficou desnorteada e saiu a vagar nos ermos sozinha. Lá teria perecido, mas os Elfos-cinzentos vieram em seu socorro. Pois havia uma habitação desse povo nas montanhas a oeste do Lago Mithrim; e para lá conduziram-na, e estando lá deu à luz um filho antes do fim do Ano da Lamentação.

E Rían disse aos Elfos: “Que se chame *Tuor*, pois esse nome seu pai escolheu antes que a guerra se colocasse entre nós. E peço a vós que o criéis e que o mantenhais oculto em vossos cuidados; pois pressinto que um grande bem, para os Elfos e para os Homens, há de vir dele. Mas preciso partir em busca de Huor, meu senhor.”

Então os Elfos se apiedaram dela; mas um, Annael, o único daquele povo que fora à guerra e retornara das Nirnaeth, disse-lhe: “Ai, senhora, sabe-se agora que Huor tombou ao lado de seu irmão Húrin; e jaz, creio eu, no grande monte de mortos que os Orques ergueram no campo de batalha.”

Assim, Rían ergueu-se e deixou a morada dos Elfos e passou pela terra de Mithrim e finalmente chegou ao Haudh-en-Ndengin, no deserto de Anfauglith, e lá se deitou e morreu. Mas os Elfos cuidaram do jovem filho de Huor, e Tuor cresceu entre eles, e era belo de rosto e tinha cabelos dourados à maneira da família de seu pai, e tornou-se forte e alto e valente, e, sendo criado pelos Elfos, não tinha menos saber e habilidade que os príncipes dos Edain, antes que a ruína se abatesse sobre o Norte.

Porém, com o passar dos anos, a vida do antigo povo de Hithlum, os que ainda permaneciam, Elfos ou Homens, tornou-se cada vez mais dura e perigosa. Pois, como se relatou em outra parte, Morgoth quebrou os juramentos que fizera aos Lestenses que o serviram e negou-lhes as ricas terras de Beleriand que desejavam, e expulsou esse povo perverso para Hithlum e lá ordenou que morassem. E, embora não mais amassem a Morgoth, eles ainda o serviam com temor e odiavam todo o povo dos Elfos; e desprezavam os remanescentes da Casa de Hador (os velhos e as mulheres e as crianças, em sua maioria), e oprimiam-nos e casavam-se à força com as mulheres deles, tomavam suas terras e seus bens e escravizavam seus filhos. Os Orques iam e vinham pela terra como queriam, perseguindo os Elfos restantes até os refúgios nas montanhas e levando muitos prisioneiros às minas de Angband, para trabalharem como servos de Morgoth.

Então Annael conduziu seu minguado povo até as cavernas de Androth e lá levavam uma vida difícil e vigilante, até que Tuor atingisse a idade de dezesseis anos e se tornasse forte e capaz de empunhar armas, o machado e o arco dos Elfos-cinzentos; e seu coração inflamou-se ao ouvir a história dos pesares de seu povo, e ele quis partir para vingá-los atacando os Orques e os Lestenses. Mas Annael o proibiu.

“Muito longe daqui, creio eu, está teu destino, Tuor, filho de Huor”, disse. “E esta terra não há de ser libertada da sombra de Morgoth antes que as próprias Thangorodrim sejam derrubadas. Portanto, resolvemos abandoná-la por fim e partir para o Sul; e conosco tu virás.”

“Mas como havemos de escapar à rede de nossos inimigos?”, perguntou Tuor. “Pois a marcha de tanta gente junta certamente será percebida.”

“Não havemos de marchar através da terra abertamente,” respondeu Annael, “e, se a sorte estiver do nosso lado, chegaremos ao caminho secreto que chamamos Annon-in-Gelydh, o Portão dos Noldor; pois foi feito pela habilidade dessa gente, muito tempo atrás, nos dias de Turgon.”

Ao ouvir esse nome, Tuor agitou-se, apesar de não saber o porquê; e questionou Annael a respeito de Turgon. “É um filho de Fingolfin”, respondeu Annael, “e agora é considerado Alto Rei dos Noldor, desde a queda de Fingon. Pois vive, ainda, o mais temido dos inimigos de Morgoth e escapou da ruína das Nirnaeth, quando Húrin de Dor-lómin e Huor, teu pai, defenderam as passagens do Sirion atrás dele.”

“Então partirei e irei à busca de Turgon,” disse Tuor, “pois não é certo que ele me auxiliará em consideração a meu pai?”

“Isso não podes fazer”, disse Annael. “Pois sua fortaleza está oculta dos olhos dos Elfos e dos Homens, e não sabemos onde ela se encontra. Dentre os Noldor alguns, talvez, saibam o caminho para lá, mas não falarão sobre isso com ninguém. Porém, se quiseres conversar com eles, vem comigo como te peço; pois nos distantes portos do Sul poderás encontrar errantes vindos do Reino Oculto.”

Assim foi que os Elfos abandonaram as cavernas de Androth e Tuor seguiu com eles. Mas seus inimigos seguiam vigiando suas habitações e logo estavam cientes da marcha; não haviam os Elfos avançado muito, das colinas para a planície, quando foram assaltados por grande número de Orques e Lestenses, e eles estavam dispersos, distantes e em todas as direções, fugindo em debandada na noite que caía. No entanto, o coração de Tuor inflamou-se com o fogo da batalha, e não quis fugir, mas menino que era empunhou o machado como seu pai já fizera antes, e por muito tempo manteve seu posto e matou muitos que o atacaram; mas por fim foi dominado e feito prisioneiro e foi conduzido à presença de Lorgan, o Lestense. Ora, esse Lorgan era considerado chefe dos Lestenses e afirmava ter sob seu jugo Dor-lómin inteira como feudo sob as ordens de Morgoth; e tomou Tuor por escravo. Dura e amarga foi então sua vida; pois aprazia a Lorgan dar a Tuor o tratamento mais cruel por ele pertencer à família dos antigos senhores, e Lorgan buscava quebrar, se possível, o orgulho da Casa de Hador. Mas Tuor agia com sabedoria e suportava todas as dores e provocações com paciência vigilante; assim, após algum tempo sua carga foi um

pouco reduzida, e pelo menos não passava fome, como muitos dos infelizes servos de Lorgan. Pois era forte e hábil e Lorgan alimentava bem suas bestas de carga enquanto eram jovens e conseguiam trabalhar.

No entanto, após três anos de servidão, Tuor finalmente viu uma chance de escapar. Já havia chegado quase à sua plena estatura, sendo mais alto e mais veloz que qualquer Lestense; e, tendo sido enviado com outros servos a trabalhar na floresta, voltou-se de repente contra os guardas e matou-os com um machado, e fugiu para as colinas. Os Lestenses caçaram-no com cães, mas em vão; pois praticamente todos os sabujos de Lorgan eram seus amigos e, se o alcançassem, o adulariam e voltariam correndo para casa ao seu comando. Assim ele finalmente voltou às cavernas de Androth e lá viveu sozinho. E durante quatro anos foi um proscrito na terra de seus pais, lúgubre e solitário; e seu nome era temido, pois costumava sair ao largo e matar muitos dos Lestenses com que cruzava. Então ofereceram um grande prêmio por sua cabeça; mas não ousavam vir a seu esconderijo, mesmo com grande número de homens, pois temiam o povo-élfico e evitavam as cavernas onde ele havia morado. Porém, diz-se que as viagens de Tuor não tinham o propósito de vingança; em verdade ele buscava sempre o Portão dos Noldor, do qual falara Annael. Mas não o encontrava, pois não sabia onde buscá-lo, e os poucos Elfos que ainda permaneciam nas montanhas não haviam ouvido falar dele.

Mas Tuor sabia que, embora ainda favorecido pela sorte, no final os dias de um proscrito estão contados e sempre são poucos e sem esperança. Nem estava ele disposto a viver sempre desse modo, um selvagem nas colinas inóspitas, e seu coração o impelia sempre a grandes feitos. Nisso, conta-se, mostrou-se o poder de Ulmo. Pois ele recolhia notícias de tudo que ocorria em Beleriand, e cada torrente que corria da Terra-média para o Grande Mar era um mensageiro seu, para levar e trazer; e mantinha também a amizade, como outrora, com Círdan e os Armadores nas Fozes do Sirion.¹ E nessa época mais do que tudo Ulmo atentava para os destinos da Casa de Hador, pois em

suas profundas deliberações pretendia que desempenhassem um importante papel em seus desígnios para o auxílio aos Exilados; e bem conhecia ele os apuros de Tuor, pois Annael e muitos de seu povo de fato haviam escapado de Dor-lómin e chegado finalmente até Círdan, no extremo Sul.

Assim aconteceu que, certo dia no início do ano (vinte e três desde as Nirnaeth), Tuor estava sentado junto a uma nascente que brotava perto da entrada da caverna onde habitava; e observava a oeste o pôr do sol coberto de nuvens. Então de repente sentiu em seu coração o desejo de não mais esperar, mas de erguer-se e partir. “Deixarei agora a cinzenta terra de minha família que não mais existe”, exclamou, “e irei à busca de meu destino! Mas para onde me voltarei? Há muito tempo procuro o Portão e não o encontro.”

Então tomou a harpa que sempre carregava consigo, pois era hábil em tanger suas cordas, e, sem se importar com o perigo de sua clara voz sozinha nos ermos, entoou uma canção-élfica do Norte destinada a animar os corações. E, à medida que cantava, a nascente a seus pés começou a borbulhar com grande volume de água e transbordou, e um regato passou a descer ruidoso pela encosta rochosa à sua frente. E Tuor considerou-o como um sinal e ergueu-se de pronto e o seguiu. Assim desceu das altas colinas de Mithrim e saiu para a planície de Dor-lómin ao norte; e a torrente crescia conforme ele a seguia para o oeste, até que ao final de três dias ele pôde descortinar no oeste as longas cristas cinzentas das Ered Lómin, que naquela região avançavam para o norte e para o sul, cercando as distantes costas das Praias do Oeste. Àquelas colinas em todas as suas viagens Tuor jamais chegara.

Agora o terreno tornava-se novamente mais irregular e pedregoso, à medida que se aproximava das colinas, e logo começou a subir diante dos pés de Tuor, enquanto a torrente seguia por um leito escavado. No entanto, bem quando caía o entardecer sombrio no terceiro dia da viagem, Tuor viu diante de si uma parede de rocha, e nela havia uma abertura semelhante a um

grande arco, e a torrente por ali entrava e perdia-se. Então Tuor afligiu-se e disse: “E assim sou traído pela minha esperança! O sinal nas colinas só me conduziu a um obscuro fim no meio da terra de meus inimigos.” E, em desalento, sentou-se entre os rochedos na alta margem da torrente, vigilante por toda a noite, amarga e sem fogo; pois era ainda o mês de súlimë, e não chegara nenhum sinal da primavera àquela distante terra do norte e soprava um ruidoso vento do Leste.

Mas, quando a própria luz do sol que se avizinhava brilhou pálida nas distantes névoas de Mithrim, Tuor ouviu vozes e, baixando o olhar, espantado, viu dois Elfos que vadeavam a água rasa; e, quando subiram por degraus escavados na margem, Tuor pôs-se de pé e chamou-os. De pronto sacaram suas luzentes espadas e saltaram em direção a ele. Então viu que portavam mantos cinzentos, mas por baixo usavam cotas de malha; e ficou maravilhado, pois eram mais belos e mais ferozes de aparência, em virtude da luz de seus olhos, do que quaisquer outros que já conhecera do povo-élfico. Ergueu-se em toda a sua estatura e esperou por eles; porém, quando viram que ele não empunhara arma alguma, mas estava só e saudava-os na língua-élfica, embainharam suas espadas e falaram-lhe com cortesia. E disse um deles: “Gelmir e Arminas somos nós, do povo de Finarfin. Não és tu um dos Edain de outrora, que moravam nestas terras antes das Nirnaeth? E de fato creio que sejas da gente de Hador e Húrin, pois assim o declara o ouro de tua cabeça.”

E Tuor respondeu: “Sim, sou Tuor, filho de Huor, filho de Galdor, filho de Hador; mas agora enfim desejo deixar esta terra onde sou proscrito e sem família.”

“Então,” disse Gelmir, “se quiseres escapar e buscar os portos do Sul, teus pés já foram dirigidos para o caminho certo.”

“Assim pensei”, disse Tuor. “Pois segui uma súbita nascente d’água nas colinas, até que se juntasse a esta torrente traiçoeira. Mas agora não sei para onde me voltar, pois ela desapareceu nas trevas.”

“Pelas trevas pode-se chegar à luz”, disse Gelmir.

“Porém andar-se-á ao sol enquanto for possível”, disse Tuor. “Mas, como vós pertenceis a esse povo, digei-me, se puderdes, onde fica o Portão dos Noldor. Pois durante muito tempo o busquei, desde que meu pai adotivo, Annael, dos Elfos-cinzentos, dele me falou.”

Então riram-se os Elfos e disseram: “Tua busca terminou, pois nós mesmos acabamos de passar por esse Portão. Lá está à tua frente!” E apontaram para o arco onde fluía a água. “Vem agora! Pelas trevas chegarás à luz. Nós mostraremos o caminho, mas não podemos guiar-te longe; pois fomos enviados de volta às terras de onde fugimos, com demanda urgente.” “Mas não temas,” disse Gelmir, “um grande destino está escrito sobre tua fronte e ele te conduzirá para longe destas terras, na verdade para longe da Terra-média, segundo creio.”

Então Tuor seguiu os Noldor, descendo os degraus e vadeando na água fria, até chegarem às sombras do outro lado do arco de pedra. E então Gelmir tirou uma daquelas lanternas pelas quais os Noldor eram renomados; pois haviam sido feitas outrora em Valinor, e nem o vento nem a água podiam apagá-las e, quando se removia sua capa, emitiam uma clara luz azul, vinda de uma chama aprisionada em cristal branco.² Agora, à luz que Gelmir suspendia sobre a cabeça, Tuor viu que o rio começava repentinamente a descer por um suave declive, entrando em um grande túnel, mas ao lado de seu curso escavado na rocha havia longas escadarias, que se estendiam em descida para uma treva profunda fora do alcance do facho da lanterna.

Quando eles haviam alcançado a base da corredeira, encontravam-se sob uma grande cúpula de pedra, e ali o rio se precipitava em íngreme cascata, com intenso ruído que ecoava na abóbada, para depois mais uma vez passar por um grande arco e entrar em outro túnel. Ao lado da cascata os Noldor se detiveram e disseram adeus a Tuor.

“Agora devemos retornar e seguir nossos caminhos a toda pressa,” disse Gelmir, “pois questões de grande perigo estão avançando em Beleriand.”

“Chegou então a hora em que Turgon há de se mostrar?”, perguntou Tuor.

Os Elfos então olharam para ele com espanto. “Esse é um assunto que diz respeito aos Noldor e não aos filhos dos Homens”, disse Arminas. “O que sabes de Turgon?”

“Pouco,” disse Tuor, “exceto que meu pai o ajudou a escapar das Nirnaeth e que em sua fortaleza reside a esperança dos Noldor. Porém, não sei por que, seu nome sempre se agita em meu coração e me vem aos lábios. E, se eu pudesse fazer o que desejo, iria em sua busca, em vez de trilhar este escuro caminho de terror. A não ser que, talvez, esta estrada secreta seja o caminho até sua morada?”

“Quem há de dizer?”, respondeu o Elfo. “Pois, uma vez que a morada de Turgon está escondida, também estão os caminhos até lá. Não os conheço, apesar de tê-los buscado por muito tempo. Mas, se os conhecesse, não haveria de revelá-los a ti, nem a nenhum dentre os Homens.”

Mas disse Gelmir: “Ouvi dizer que tua Casa tem o favor do Senhor das Águas. E, se o conselho dele te conduzir a Turgon, então certamente a ele hás de chegar, não importa para onde te voltes. Segue agora a estrada à qual a água te trouxe, desde as colinas, e não temas! Não hás de caminhar por muito tempo nas trevas. Adeus! E não penses que nosso encontro foi por acaso; pois o Habitante das Profundezas ainda movimenta muitas coisas nesta terra. *Anar kaluva tielyanna!*”³

Com essas palavras os Noldor deram a volta e retornaram, subindo pela longa escadaria; mas Tuor se manteve imóvel até que a luz de sua lanterna se perdesse, e ficou sozinho em trevas mais profundas que a noite, em meio aos bramidos da cascata. Então, armando-se de coragem, encostou a mão esquerda na parede de pedra e avançou tateando, devagar no começo, e depois mais depressa, à medida que se acostumava mais à escuridão e nada encontrava que o impedisse. E depois de muito tempo, conforme lhe pareceu, quando estava sentindo-se exausto e, no entanto, não querendo descansar no negro túnel, enxergou uma luz longínqua à sua frente; e, apressando-se, chegou a uma fenda alta e estreita e seguiu a ruidosa torrente entre as paredes inclinadas, saindo para um dourado entardecer.

Pois havia chegado a uma profunda ravina com paredes altas e escarpadas, que se estendia em linha reta para o Oeste; e diante dele o sol poente, descendo por um céu límpido, iluminava a ravina e inflamava suas paredes com um fogo amarelo e as águas do rio reluziam como ouro, quebrando e espumando sobre muitas pedras reluzentes.

Naquele lugar profundo Tuor foi avançando, maravilhado e com grande esperança, tendo encontrado uma trilha por baixo da parede meridional, onde havia uma praia longa e estreita. E, quando chegou a noite e o rio prosseguiu invisível, a não ser por um brilho de altas estrelas refletidas em poças escuras, então ele descansou e dormiu; pois não sentia medo ao lado daquela água onde corria o poder de Ulmo.

Ao chegar o dia, voltou a avançar sem pressa. O sol erguia-se às suas costas e se punha diante do seu rosto, e lá onde a água espumava entre os rochedos, ou se precipitava em súbitas cascatas, pela manhã e ao entardecer teciam-se arco-íris de um lado a outro da torrente. Por esse motivo, chamou aquela ravina de Cirith Ninniach.

Assim Tuor viajou lentamente por três dias, bebendo a água fria, mas sem desejar comida, embora houvesse muitos peixes que brilhavam como ouro e prata, ou reluziam com cores semelhantes às dos arco-íris na névoa acima. E no quarto dia o canal tornou-se mais largo e suas paredes mais baixas e menos íngremes; porém o rio corria mais profundo e caudaloso, pois agora altas colinas o acompanhavam de ambos os lados e dali águas frescas derramavam-se na Cirith Ninniach em cascatas cintilantes. Ali por muito tempo Tuor sentou-se, observando a turbulência da torrente e escutando sua voz infundável, até que voltou a noite e as estrelas brilharam frias e brancas na escura faixa de céu lá no alto. Então ergueu a voz e tangeu as cordas de sua harpa, e, mais alto que o ruído da água, o som de sua canção e os doces acordes da harpa ecoavam na pedra e se multiplicavam, saindo a soar nas colinas envoltas no manto da noite, até que toda a região deserta estivesse repleta de música sob as estrelas. Pois, apesar de não saber, Tuor havia chegado às Montanhas

Ressoantes de Lammoth em torno do Estreito de Drengist. Lá, certa vez no passado distante, Fëanor aportara vindo do mar e as vozes de seu povo cresceram em poderoso clamor nas costas do Norte, antes que a Lua se erguesse.⁴

Com isso Tuor encheu-se de espanto e interrompeu a canção, e aos poucos a música morreu nas colinas e fez-se silêncio. Então, em meio ao silêncio, ele ouviu no ar lá no alto um estranho grito; e não sabia de que criatura tal grito provinha. Ora dizia: “É uma voz-de-fata”; ora: “Não, é um bicho pequeno que geme nos ermos”; e depois, escutando-o de novo, disse: “Certamente é o grito de alguma ave noturna que não conheço.” E pareceu-lhe um som triste e, no entanto, desejava escutá-lo e segui-lo, pois ele o chamava não sabia para onde.

Na manhã seguinte escutou a mesma voz sobre sua cabeça e erguendo o olhar viu três grandes aves brancas descendo pela ravina contra o vento oeste; suas fortes asas reluziam ao sol que acabara de nascer e, ao passarem acima dele, elas gritaram alto. Assim Tuor divisou pela primeira vez as grandes gaivotas, amadas pelos Teleri. Então ergueu-se para segui-las e, para melhor perceber aonde voavam, escalou um penhasco à sua esquerda, pôs-se de pé no cimo e sentiu um forte vento vindo do Oeste que lhe batia no rosto e fazia seu cabelo tremular. E sorveu aquele ar novo e disse: “Isso eleva o coração como beber vinho fresco!” Mas não sabia ele que o vento vinha direto do Grande Mar.

Tuor então seguiu caminho mais uma vez, buscando as gaivotas, altas sobre o rio; e, à medida que andava, as margens da ravina voltaram a se aproximar, e ele chegou a um canal estreito, e este estava repleto de grande ruído d’água. E baixando os olhos Tuor viu um extremo assombro, assim lhe pareceu; pois uma maré incontrolável subia pelo estreito e lutava contra o rio que ainda queria prosseguir, e uma onda como uma parede se ergueu, chegando quase ao topo do penhasco, coroada de cristas de espuma voando ao vento. Então o rio foi forçado a recuar e a maré entrou, subindo o canal com um rugido, afogando-o em águas

E arriou o escudo, descobrindo-o muito mais leve e manejável do que cria; pois era fabricado, assim parecia, com madeira, mas guarnecido pela arte dos ferreiros élficos com chapas de metal, fortes e ainda assim finas como folhas, que o haviam preservado dos vermes e do tempo.

Então Tuor armou-se com a cota de malha e colocou o elmo sobre a cabeça e cingiu a espada; negros eram a bainha e o cinto, com fivelas de prata. Armado desta maneira, saiu do salão de Turgon e parou nos altos terraços de Taras à luz vermelha do sol. Ninguém lá havia para vê-lo, enquanto contemplava o oeste, reluzente de prata e ouro, e ele não sabia que naquela hora sua aparência era a de um dos Poderosos do Oeste, apto para ser o pai dos reis dos Reis de Homens além do Mar, como de fato era seu destino tornar-se;⁷ mas ao se apossar daquelas armas uma mudança dominou Tuor, filho de Huor, e o seu coração cresceu em seu peito. E, quando desceu das portas, os cisnes lhe fizeram reverência e cada um arrancou uma grande pena de suas asas e as ofereceu a Tuor, deitando os longos pescoços sobre a pedra a seus pés; e ele tomou as sete penas e as pôs no cimo de seu elmo, e imediatamente os cisnes ergueram-se e voaram para o norte ao pôr do sol, e Tuor não os viu mais.

Agora Tuor sentia os pés atraídos pela beira-mar e desceu por longas escadas até uma ampla praia do lado norte do promontório de Taras; e, enquanto caminhava, viu que o sol mergulhava em uma grande nuvem negra que se erguia da borda do mar que se escurecia; e fazia frio e havia uma agitação e um murmúrio como de uma tempestade chegando. E Tuor deteve-se na praia e o sol era como um fogo fumacento por trás da ameaça dos céus; e pareceu-lhe que uma grande onda se levantava ao longe e rolava para a terra, mas o espanto o paralisou e ele lá ficou imóvel. E a onda veio em sua direção e sobre ela havia uma névoa de sombra. Então subitamente, ao se aproximar, ela se enrolou e arrebentou e se precipitou para a frente em longos braços de espuma; mas onde ela arrebentara achava-se de pé, escuro em contraste com a tempestade nascente, um vulto vivo de grande estatura e majestade.

Tuor então curvou-se em reverência, pois lhe parecia que contemplava um poderoso rei. Ele usava uma alta coroa como de prata, da qual caíam seus longos cabelos como espuma brilhando no ocaso; e, quando lançou para trás o manto cinzento que pendia sobre ele como uma névoa, eis que trajava uma cota reluzente, justa como as escamas de um peixe enorme, e uma túnica de verde escuro que brilhava e tremeluzia com o fogo do mar, à medida que ele caminhava devagar em direção à terra. Dessa maneira o Habitante das Profundezas, quem os Noldor chamam de Ulmo, Senhor das Águas, mostrou-se a Tuor, filho de Huor, da Casa de Hador, abaixo de Vinyamar.

Não pisou na praia, mas de pé até os joelhos no mar sombrio falou a Tuor e então, pela luz de seus olhos e pelo som de sua profunda voz que vinha, segundo parecia, das fundações do mundo, o temor apoderou-se de Tuor e ele se prostrou na areia.

“Levanta-te, Tuor, filho de Huor!”, exclamou Ulmo. “Não temas minha ira, embora eu muito tenha te chamado sem ser escutado; e por fim, partindo, ainda te demoraste na viagem para cá. Na Primavera devias ter estado de pé aqui; mas agora um inverno cruel logo chegará da terra do Inimigo. Precisas aprender a te apressares e a estrada agradável que te projetei precisa ser mudada. Pois meus conselhos foram desprezados,⁸ e um grande mal arrasta-se sobre o Vale do Sirion e já uma hoste de adversários se interpôs entre ti e tua meta.”

“Mas qual é minha meta, Senhor?”, perguntou Tuor.

“Aquilo que teu coração sempre buscou,” respondeu Ulmo, “encontrar Turgon e contemplar a cidade oculta. Pois estás assim armado para seres meu mensageiro, nas próprias armas que outrora decretei para ti. Agora, porém, terás sob a sombra de atravessar o perigo. Envolve-te portanto nesta capa e jamais a ponhas de lado até chegares ao fim de tua jornada.”

Pareceu então a Tuor que Ulmo partiu seu manto cinzento e dele lançou-lhe um pedaço, que, ao cair sobre ele, era como uma grande capa na qual podia enrolar-se totalmente, da cabeça aos pés.

“Assim caminharás sob minha sombra”, disse Ulmo. “Mas não te detenhas mais; pois nas terras de Anar e nos fogos de Melkor ela não resistirá. Assumirás minha missão?”

“Assumirei, Senhor”, respondeu Tuor.

“Então porei palavras em tua boca para serem ditas a Turgon”, disse Ulmo. “Mas primeiro vou te instruir e ouvirás algumas coisas que nenhum outro Homem ouviu, não, nem mesmo os poderosos entre os Eldar.” E Ulmo falou a Tuor de Valinor e seu obscurecer, e do Exílio dos Noldor, e da Sentença de Mandos, e da ocultação do Reino Abençoado. “Mas vê!”, disse. “Na armadura do Fado (como os Filhos da Terra o chamam) há sempre uma fenda e nos muros da Sentença, uma brecha, até a plenitude, que chamais de Fim. Assim há de ser enquanto eu durar, uma voz secreta que contradiz e uma luz onde a escuridão foi decretada. Portanto, embora nestes dias de trevas eu pareça me opor à vontade de meus irmãos, os Senhores do Oeste, esse é meu papel entre eles, ao qual fui designado antes que fosse feito o Mundo. No entanto, a Sentença é forte e a sombra do Inimigo cresce; e eu diminuo, até que agora na Terra-média me tornei nada mais que um sussurro secreto. As águas que correm para o oeste fenecem, e suas fontes estão envenenadas, e meu poder retrai-se da terra; pois os Elfos e os Homens tornam-se cegos e surdos para mim por causa do poderio de Melkor. E agora a Maldição de Mandos corre para seu cumprimento, e todas as obras dos Noldor hão de perecer e todas as esperanças que eles construírem hão de se esboroar. Resta apenas a última esperança, a esperança que não buscaram e não prepararam. E essa esperança jaz em ti, pois assim escolhi.”

“Então Turgon não há de se opor a Morgoth, como todos os Eldar ainda esperam?”, perguntou Tuor. “E o que desejas de mim, Senhor, se agora eu chegar até Turgon? Pois apesar de eu querer de fato fazer como fez meu pai e auxiliar esse rei no que necessitar, ainda assim de pouca valia serei, um homem mortal sozinho, entre tantos e tão valorosos do Alto Povo do Oeste.”

“Se decidi enviar-te, Tuor, filho de Huor, então não creias que tua única espada não vale o envio. Pois o valor dos Edain

sempre será lembrado pelos Elfos à medida que as eras se estenderem, com o assombro de terem dado com tanta generosidade aquela vida da qual tiveram tão pouco na terra. Mas não é apenas por teu valor que te envio, mas sim para trazeres ao mundo uma esperança além da tua visão e uma luz que há de penetrar as trevas.”

E, enquanto Ulmo falava, o murmúrio da tempestade alçou-se em grande grito, o vento cresceu e o céu enegreceu; e o manto do Senhor das Águas drapejava como uma nuvem em voo. “Agora vai”, disse Ulmo, “para que não te devore o Mar! Pois Ossë obedece à vontade de Mandos e está irado, sendo servidor da Sentença.”

“Conforme ordenares”, disse Tuor. “Mas, se eu escapar à Sentença, que palavras hei de dizer a Turgon?”

“Se chegares até ele,” respondeu Ulmo, “então as palavras hão de surgir em tua mente e tua boca há de falar como eu falaria. Fala e não temas! E depois faz conforme teu coração e valor te conduzirem. Não te apartes de meu manto, pois assim hás de estar protegido. E vou te enviar alguém, salvo da ira de Ossë, e assim hás de ser guiado: sim, o último marujo do último navio que há de buscar o Oeste até que se erga a Estrela. Agora retorna à terra!”

Então ouviu-se um estrondo de trovão, e raios iluminaram o mar; e Tuor contemplou Ulmo de pé entre as ondas, como uma torre de prata reluzindo com chamas dardejantes; e exclamou contra o vento:

“Eu me vou, Senhor! Porém agora meu coração na verdade anseia pelo Mar.”

A estas palavras Ulmo ergueu uma enorme trompa e nela tocou uma única e poderosa nota, diante da qual o rugido da tempestade era tão somente um arrepio na superfície de um lago. E ao ouvir aquela nota, sendo envolto e preenchido por ela, pareceu a Tuor que a costa da Terra-média desaparecia e que ele divisava todas as águas do mundo em uma grande visão: dos veios das terras até as fozes dos rios e das praias e dos estuários até as profundezas. O Grande Mar enxergou através de suas

regiões inquietas pululando de formas estranhas, até seus abismos sem luz, onde em meio à treva eterna ecoavam vozes terríveis aos ouvidos mortais. Divisou suas planícies imensas com a veloz visão dos Valar, jazendo sem vento sob o olho de Anar, ou rebrilhando sob a Lua com seus cornos, ou erguidas em colinas de ira que arrebetavam nas Ilhas Sombrias,⁹ até que, no limite remoto da visão e além da contagem das léguas, entreviu uma montanha, erguendo-se além do alcance da sua mente para uma nuvem luminosa, e no seu sopé uma longa arrebetação bruxuleante. E, enquanto se esforçava por escutar o som daquelas ondas longínquas e por ver mais claramente aquela luz distante, a nota chegou ao fim e ele estava de pé sob o trovão da tempestade, e raios de muitos braços rasgavam o céu lá no alto. E Ulmo se fora e o mar estava em tumulto e as selvagens ondas de Ossë quebravam contra as muralhas de Nevrast.

Então Tuor fugiu da fúria do mar e com esforço encamionhou-se de volta aos altos terraços; pois o vento o impelia contra o penhasco e o pôs de joelhos quando ele saiu no topo. Portanto, entrou de novo no salão escuro e vazio para abrigar-se e passou a noite sentado no assento de pedra de Turgon. As próprias colunas tremiam na violência da tempestade, e pareceu a Tuor que o vento estava pleno de lamentos e gritos selvagens. No entanto, como estava exausto, cochilou algumas vezes, e seu sono foi perturbado por muitos sonhos, dos quais ao despertar nenhum permaneceu na memória, exceto um: uma visão de uma ilha e em seu meio havia uma montanha escarpada e atrás dela o sol se punha e sombras saltavam para o céu; mas acima dela brilhava uma única estrela ofuscante.

Após esse sonho, Tuor caiu em sono profundo, pois antes que a noite terminasse a tempestade passou, impelindo as nuvens negras para o Leste do mundo. Despertou por fim na luz cinzenta e levantou-se e deixou o alto assento e, ao percorrer o salão sombrio, viu que ele estava cheio de aves marinhas que a tempestade espantara para lá; e saiu quando as últimas estrelas desapareciam no Oeste diante do dia que chegava. Então viu que as grandes ondas durante a noite tinham subido alto pela

terra e haviam lançado suas cristas sobre os cimos dos penhascos, e algas e pedregulhos haviam sido lançados mesmo sobre os terraços diante das portas. E Tuor olhou para baixo, do terraço inferior, e viu, encostado ao seu muro entre as pedras e as algas marinhas, um Elfo trajando um manto cinza ensopado de água do mar. Estava sentado em silêncio, olhando além da ruína das praias, por sobre os longos dorsos das ondas. Tudo estava quieto e não se ouvia som algum, exceto o rugido das vagas lá embaixo.

Enquanto estava ali de pé, fitando o silencioso vulto cinzento, Tuor lembrou-se das palavras de Ulmo e um nome que não aprendera veio-lhe aos lábios e exclamou em voz alta: “Bem-vindo, Voronwë! Eu te aguardo.”¹⁰

Então o Elfo voltou-se, erguendo o olhar, e Tuor enfrentou a visão penetrante dos seus olhos cinza-marinhos, e soube que ele pertencia ao alto povo dos Noldor. Mas o temor e o espanto cresceram em seu olhar quando ele viu Tuor de pé, alto sobre a muralha mais acima, trajando seu grande manto como uma sombra de dentro da qual a malha-élfica reluzia em seu peito.

Ficaram assim por um momento, cada um examinando o rosto do outro, e então o Elfo levantou-se e curvou-se muito diante dos pés de Tuor. “Quem sois vós, senhor?”, perguntou. “Por muito tempo labutei no mar implacável. Dizei-me: ocorreram grandes novas desde que eu pisei a terra firme? A Sombra foi derrotada? O Povo Oculto saiu de seu esconderijo?”

“Não”, respondeu Tuor. “A Sombra cresce e os Ocultos permanecem escondidos.”

Então, por muito tempo, Voronwë fitou-o em silêncio. “Mas quem sois vós?”, perguntou de novo. “Pois muitos anos atrás minha gente abandonou esta terra, e desde então ninguém morou aqui. E agora percebo que, a despeito dos vossos trajes, vós não sois um deles, como eu cria, e sim da gente dos Homens.”

“Sou”, disse Tuor. “E não és tu o último marujo do último navio que buscou o Oeste desde os Portos de Círdan?”

“Sou”, disse o Elfo. “Voronwë, filho de Aranwë, eu sou. Mas como sabes meu nome e meu destino, eu não compreendo.”

E, forçada a responder, ela declarou: “Apenas procuro um certo Túrin que morou aqui por um tempo. Mas talvez esteja morto.”

“Não sei”, respondeu Glaurung. “Foi deixado aqui para defender as mulheres e os fracos; mas quando vim ele os abandonou e fugiu. Um fanfarrão, mas covarde, ao que parece. Por que procuras tal homem?”

“Mentes”, retrucou Nienor. “Pelo menos covardes os filhos de Húrin não são. Não te tememos.”

Então Glaurung riu, pois assim a filha de Húrin foi revelada à sua malícia. “Então sois tolos, tanto tu como teu irmão”, disse ele. “E tua fanfarronice há de ser em vão. Pois eu sou Glaurung!”

Então atraiu os olhos de Nienor para os seus, e a vontade dela desfaleceu. Pareceu-lhe que o sol escurecia e tudo se turvava à sua volta; e lentamente uma grande treva se abateu sobre ela, e naquela treva havia o vazio; nada soube, nada ouviu e nada recordou.

Por muito tempo Mablung explorou os salões de Nargothrond, fazendo o melhor que podia, a despeito da escuridão e do fedor; mas não encontrou nenhum ser vivo: nada se mexia entre os ossos e ninguém respondeu aos seus gritos. Por fim, oprimido pelo horror do lugar e temendo a volta de Glaurung, retornou às Portas. O sol descia no oeste, e, por trás, as sombras dos Faroth abatiam-se escuras sobre os terraços e o rio bravio lá embaixo; porém à distância, sob Amon Ethir, Mablung pareceu vislumbrar a forma maligna do Dragão. A pressa e o temor tornaram mais difícil e mais perigoso o retorno sobre o Narog; e mal alcançara a margem leste e se arrastara para um lado, sob a ribanceira, quando Glaurung se aproximou. Mas agora estava lento e silencioso; pois todo o fogo em seu interior havia abrandado: um grande poder se desprendera dele, e pretendia descansar e dormir na treva. Assim, atravessou a água, retorcendo-se, e furtivamente subiu até as Portas como uma enorme cobra cor de cinzas, poluindo o chão com o limo do ventre.

Mas antes de entrar virou-se e voltou o olhar para o leste, e souou de dentro dele o riso de Morgoth, sombrio e terrível

como um eco de malícia vindo das profundezas negras longe dali. E depois ouviu-se esta voz, fria e baixa: “Aí estás deitado como um rato silvestre sob a ribanceira, Mablung, o poderoso! Mal cumpre as incumbências de Thingol. Apressa-te agora para o monte e vê o que aconteceu com tua protegida!”

Então Glaurung entrou em seu covil, e o sol desceu, e a tarde cinzenta se abateu fria sobre a terra. Mas Mablung voltou às pressas a Amon Ethir; e, enquanto escalava o topo, as estrelas surgiram no leste. Diante delas viu um vulto de pé, escuro e imóvel, como se fosse uma imagem de pedra. Assim estava Nienor, e nada ouvia que ele dissesse e sem lhe dava resposta. Mas por fim, quando ele a tomou pela mão, ela se agitou e permitiu que a levasse embora; e enquanto Mablung a segurava, ela o seguia, mas se a soltasse, ela se detinha.

Foi grande o pesar e a confusão de Mablung; mas não tinha escolha senão conduzir Nienor daquele modo no longo caminho para o leste, sem ajuda nem companhia. Assim foram eles, caminhando como quem sonha, na planície sombreada pela noite. E quando a manhã retornou, Nienor tropeçou, caiu e ficou deitada imóvel; Mablung sentou-se ao seu lado em desespero.

“Não era à toa que eu temia esta incumbência”, lamentou ele. “Pois parece que será minha derradeira. Com esta infeliz filha dos Homens hei de perecer nos ermos, e meu nome há de ser desprezado em Doriath: isso se alguma notícia sobre nosso destino chegar a ser ouvida. Todos os outros sem dúvida foram mortos, e só ela foi poupada, mas sem misericórdia.”

Assim foram encontrados por três membros da companhia que haviam fugido do Narog à chegada de Glaurung e, após muitas andanças, quando as névoas haviam passado, tinham voltado ao monte; e, encontrando-o vazio, começaram a buscar o caminho de casa. Então a esperança retornou a Mablung; e partiram juntos, rumando para o norte e o leste, pois não havia estrada que retornasse a Doriath pelo sul, e desde a queda de Nargothrond os balseiros estavam proibidos de atravessar qualquer pessoa que não viesse de dentro.

Foi lenta sua jornada, como a de quem conduz uma criança exausta. Mas à medida que se afastavam de Nargothrond e se aproximavam de Doriath, as forças pouco a pouco voltavam a Nienor, e ela caminhava obedientemente por horas a fio, levada pela mão. Porém seus olhos arregalados nada viam, seus ouvidos nada escutavam e seus lábios não diziam palavra.

Por fim, após muitos dias, chegaram perto do limite oeste de Doriath, um tanto ao sul do Teiglin; pois pretendiam passar pelas barreiras da pequena terra de Thingol além do Sirion, chegando assim à ponte vigiada próxima à confluência do Esgalduin. Lá pararam por algum tempo; e deitaram Nienor sobre um leito de relva, e ela fechou os olhos como ainda não fizera e parecia dormir. Então os Elfos também descansaram e, tão exaustos que estavam, não se acautelaram. Assim, foram atacados de surpresa por um bando de caçadores-órquicos, que então vagavam com frequência naquela região, tão perto das barreiras de Doriath quanto ousavam ir. No meio do tumulto Nienor saltou de repente do leito, como quem desperta do sono em um alarme noturno, e com um grito correu para a floresta. Então os Orques deram a volta e a perseguiram, com os Elfos no encalço. Mas uma estranha mudança se apossara de Nienor, e ela agora corria mais que todos, flanando como uma corça por entre as árvores, com o cabelo esvoaçando ao vento de tão veloz. Mablung e seus companheiros rapidamente alcançaram os Orques, mataram-nos todos e prosseguiram às pressas. No entanto, àquela altura Nienor se fora como um espectro; e nem visão nem rastro dela puderam encontrar, apesar de caçarem por muitos dias.

Então afinal Mablung retornou a Doriath, curvado de pesar e vergonha. “Escolhei um novo mestre para vossos caçadores, senhor”, disse ele ao Rei. “Pois estou desonrado.”

Mas Melian respondeu: “Não é assim, Mablung. Fizeste tudo o que podias, e nenhum outro entre os servidores do Rei teria feito o mesmo. Mas por azar mediste forças com um poder grande demais para ti, na verdade grande demais para todos os que agora habitam na Terra-média.”

“Enviei-te para obter notícias, e isso tu fizeste”, completou Thingol. “Não é culpa tua se aqueles que são mais afetados por tuas notícias estão agora onde não podem te ouvir. Deveras doloroso é este fim de toda a família de Húrin, mas ele não está à tua porta.”

Pois não somente Nienor havia corrido, desajuizada, para o ermo, mas também Morwen estava perdida. Nem então nem depois qualquer notícia certa de seu destino chegou a Doriath ou a Dor-lómin. Ainda assim, Mablung não descansou, e com uma pequena companhia foi para o ermo, e durante três anos vagou longe, das Ered Wethrin até as Fozes do Sirion, buscando sinal ou notícias das perdidas.

Nienor em Brethil

Quanto a Nienor, ela correu para dentro da floresta, ouvindo os gritos da perseguição atrás de si; e arrancou as roupas, jogando longe as vestes, até ficar nua; e ainda correu todo aquele dia, como um animal que é caçado até a exaustão total e não se atreve a parar nem para tomar fôlego. Mas à tardinha, sua loucura passou de repente. Ela parou por um momento, em aparente admiração, e então, em um desfalecimento de cansaço absoluto, caiu, como quem levou um golpe, em uma espessa moita de samambaias. E ali, em meio às velhas plantas e à leve flora da primavera, ficou deitada e dormiu, sem se importar com nada.

Pela manhã despertou e alegrou-se ao ver a luz, como se acabasse de ser chamada à vida; e todas as coisas que via lhe pareciam novas e estranhas e não tinha nomes para elas. Tinha atrás de si apenas uma treva vazia, através da qual não surgia nenhuma lembrança de qualquer coisa que jamais conhecera, nem eco de qualquer palavra. Apenas se lembrava de uma sombra de temor e, portanto, era cautelosa e sempre buscava esconderijos: subia nas árvores ou se esgueirava para dentro de arbustos, veloz como um esquilo ou uma raposa, caso algum som ou alguma sombra a assustasse; e dali espiava por muito tempo através das folhas antes de seguir adiante.



O DESASTRE DOS CAMPOS DE LIS

Depois da queda de Sauron, Isildur, o filho e herdeiro de Elendil, retornou a Gondor. Lá assumiu a Elendilmir¹ como Rei de Arnor e proclamou seu domínio soberano sobre todos os Dúnedain no Norte e no Sul; pois era homem de grande orgulho e vigor. Permaneceu em Gondor durante um ano, restaurando sua ordem e definindo seus limites;² porém a maior parte do exército de Arnor retornou a Eriador pela estrada númenóreana desde os Vaus do Isen a Fornost.

Quando por fim se sentiu livre para voltar ao seu próprio reino, estava apressado, e desejava ir primeiro a Imladris, pois lá havia deixado sua esposa e seu filho mais jovem,³ e ademais tinha necessidade urgente de se aconselhar com Elrond. Portanto, decidiu seguir caminho para o norte partindo de Osgiliath, pelos Vales do Anduin acima até Cirith Forn en Andrath, o alto passo do Norte, que descia até Imladris.⁴ Isildur conhecia bem a região, pois muitas vezes viajara ali antes da Guerra da Aliança, e por essa via marchara à guerra, com homens de Arnor oriental, em companhia de Elrond.⁵

Era uma viagem longa, mas o único caminho alternativo, para o oeste, depois para o norte até o encontro das estradas em Arnor, e em seguida para o leste até Imladris, era muito mais longo.⁶ Talvez fosse igualmente rápido para homens montados, mas ele não dispunha de cavalos em condições;⁷ talvez mais seguro em dias passados, mas Sauron fora derrotado, e os povos dos Vales haviam sido seus aliados na vitória. Nada temia, exceto as intempéries e a exaustão, mas essas têm de ser suportadas pelos homens a quem a necessidade envia a lugares longínquos da Terra-média.⁸

Assim foi, como se conta nas lendas de dias posteriores, que estava terminando o segundo ano da Terceira Era quando Isildur partiu de Osgiliath no início de ivanneth,⁹ esperando alcançar Imladris em quarenta dias, em meados de narbeleth, antes que o inverno se aproximasse no Norte. No Portão Leste da Ponte, numa clara manhã, Meneldil¹⁰ despediu-se dele. “Vai agora e boa viagem! Que o Sol da tua partida nunca deixe de brilhar sobre tua estrada!”

Com Isildur foram seus três filhos, Elendur, Aratan e Ciryon,¹¹ e sua Guarda de duzentos cavaleiros e soldados, homens de Arnor severos e endurecidos pela guerra. Nada se relata de sua viagem até que tivessem passado sobre a Dagorlad, e prosseguido para o norte entrando nas terras amplas e desertas ao sul de Verdemata, a Grande. No vigésimo dia, quando já avis-tavam ao longe a floresta coroando o planalto diante deles com um distante brilho do vermelho e ouro de ivanneth, toldou-se o céu e veio um vento escuro do Mar de Rhûn, carregado de chuva. A chuva durou quatro dias; quando chegaram à entrada dos Vales, entre Lórien e Amon Lanc,¹² Isildur desviou-se, portanto, do Anduin, inchado de águas velozes, e subiu as íngremes encostas em seu lado leste para alcançar as antigas trilhas dos Elfos Silvestres que passavam perto da borda da Floresta.

Assim ocorreu que, ao cair da tarde do trigésimo dia de sua viagem, passavam pela borda norte dos Campos de Lis,¹³ marchando por uma trilha que levava ao reino de Thranduil,¹⁴ tal como era então. O dia claro terminava; acima das montanhas distantes, juntavam-se nuvens, tingidas de vermelho pelo sol enevoado, que descia em direção delas; o fundo do vale já estava em sombra cinzenta. Os Dúnedain cantavam, pois a marcha do dia se aproximava do fim, e tinham deixado para trás três quartos da longa estrada até Imladris. À sua direita, a Floresta se erguia acima deles no alto das encostas íngremes que desciam até a sua trilha, abaixo da qual era mais suave a descida até o fundo do vale.

De repente, quando o sol mergulhava nas nuvens, ouviram o horrendo clamor de Orques e os viram sair da Floresta

e mover-se encostas abaixo, emitindo seus gritos de guerra.¹⁵ Naquela penumbra, podia-se apenas estimar quantos eram, mas evidentemente superavam em muito os Dúnedain, até mesmo dez vezes. Isildur ordenou que se formasse uma *thangail*,¹⁶ um muro-de-escudos com duas fileiras compactas que podiam ser dobradas para trás em ambas as extremidades caso fossem flanqueadas, até formarem, se necessário, um anel fechado. Se o terreno fosse plano ou a encosta estivesse a seu favor, teria formado com sua companhia uma *dírnaith*¹⁶ e acometido os Orques, esperando poder, pela grande força dos Dúnedain e de suas armas, cortar caminho através deles e dispersá-los atarrantados; mas agora não era possível fazê-lo. Uma sombra de presságio abateu-se sobre o seu coração.

“A vingança de Sauron continua viva, embora ele esteja morto”, falou a Elendur, que estava a seu lado. “Aqui há astúcia e propósito! Não temos esperança de auxílio: Moria e Lórien agora ficaram muito para trás, e Thranduil está quatro dias de marcha à frente.” “E trazemos cargas de valor incalculável”, acrescentou Elendur, pois era confidente do pai.

Agora os Orques se aproximavam. Isildur voltou-se para seu escudeiro: “Ohtar,¹⁷ agora confio isto à tua guarda”, disse, entregando-lhe a grande bainha e os fragmentos de Narsil, a espada de Elendil. “Salva-a da captura por todos os meios que puderes encontrar e a qualquer custo; até mesmo ao custo de seres considerado um covarde que me desertou. Leva teu companheiro contigo e foge! Vai! Eu te ordeno!” Então Ohtar ajoelhou-se e lhe beijou a mão, e os dois jovens fugiram, descedo ao vale escuro.¹⁸

Se os Orques de visão aguçada perceberam sua fuga, não lhe deram importância. Detiveram-se brevemente, preparando seu ataque. Primeiro soltaram uma saraivada de flechas, e então, de súbito, com um grande grito, fizeram o que Isildur teria feito, e pela última encosta lançaram uma grande massa dos seus principais guerreiros contra os Dúnedain, esperando romper seu muro-de-escudos. Mas este permaneceu firme. As flechas não haviam sido de nenhuma valia contra as armaduras

númenóreas. Os Homens imponentes elevavam-se acima dos Orques mais altos, e suas espadas e lanças alcançavam muito mais longe que as armas de seus inimigos. O ataque vacilou, rompeu-se e recuou, tendo causado poucos danos aos defensores, inabalados, por trás de montes de Orques tombados.

Pareceu a Isildur que o inimigo se retirava em direção à Floresta. Olhou para trás. A borda vermelha do sol brilhou de dentro das nuvens, enquanto mergulhava por trás das montanhas; logo cairia a noite. Deu ordens para retomar a marcha imediatamente, mas para desviar o trajeto em direção ao terreno mais baixo e plano, onde os Orques teriam menor vantagem.¹⁹ Talvez acreditasse que, depois de serem rechaçados com danos, eles se retrairiam, apesar de seus batedores talvez o seguirem durante a noite e vigiarem seu acampamento. Essa era a maneira dos Orques, que geralmente ficavam intimidados quando sua presa dava a volta e mordia.

Mas enganava-se. Não somente havia astúcia no ataque, mas também ódio feroz e implacável. Os Orques das Montanhas eram obstinados e comandados por cruéis servos de Barad-dûr, enviados havia muito tempo para vigiarem as passagens;²⁰ e, apesar de não o saberem, o Anel, cortado dois anos antes de sua mão negra, ainda estava carregado da vontade malévola de Sauron, e clamava por ajuda a todos os seus serviçais. Os Dúnedain mal haviam avançado uma milha quando os Orques se moveram novamente. Dessa vez não investiram, mas usaram todas as suas forças. Desceram em uma ampla frente, que se alinhou em meia-lua e logo fechou uma roda ininterrupta em volta dos Dúnedain. Agora estavam em silêncio e se mantinham a uma distância fora do alcance dos temidos arcos-de-aço de Númenor,²¹ apesar de a luz estar diminuindo depressa e Isildur ter muito menos arqueiros do que precisava.²² Ele se deteve.

Houve uma pausa, embora os Dúnedain de visão mais aguçada dissessem que os Orques estavam se aproximando sorrateiros, passo a passo. Elendur foi ter com seu pai, que estava de pé, soturno e sozinho, como que perdido em pensamentos. “*Atarinya*”, questionou, “e quanto ao poder que intimidaria

essas criaturas imundas e lhes ordenaria que obedecessem a ti? Então de nada serve?”

“Infelizmente não, *senya*. Não posso usá-lo. Temo a dor de tocá-lo.²³ E ainda não encontrei forças para dobrá-lo à minha vontade. Para isso é preciso alguém maior do que eu agora sei que sou. Meu orgulho foi-se. Ele deveria ir para os Guardiões dos Três.”

Nesse momento soou um repentino toque de trompas, e os Orques se aproximaram por todos os lados, arremessando-se contra os Dúnedain com ferocidade temerária. A noite caía, e a esperança se apagava. Os homens tombavam; pois alguns dos Orques maiores saltavam, dois de cada vez, e, mortos ou vivos, derrubavam um Dúnadan com seu peso, de forma que outras garras fortes o pudessem arrastar para fora e matar. Os Orques podiam perder cinco para um nessa permuta, mas ainda saía muito barato. Ciryon foi morto desse modo e Aratan mortalmente ferido em uma tentativa de resgatá-lo.

Elendur, ainda incólume, buscou Isildur. Ele reunia seus homens do lado leste, onde o ataque era mais intenso, pois os Orques ainda temiam a Elendilmir que trazia na frente e o evitavam. Elendur tocou seu ombro e Isildur se virou feroz, pensando que um Orque se esgueirara por trás dele.

“Meu Rei”, disse Elendur, “Ciryon morreu e Aratan está morrendo. Vosso último conselheiro tem de vos recomendar, não ordenar, como vós ordenastes a Ohtar. Ide! Tomai vossa carga e a levai a qualquer custo até os Guardiões, até mesmo ao custo de abandonar vossos homens e a mim!”

“Filho do Rei”, respondeu Isildur, “eu sabia que teria de fazer isso, mas temia a dor. Nem poderia partir sem tua permissão. Perdoa a mim e a meu orgulho que te trouxe a esta sina.”²⁴ Elendur beijou-o. “Ide! Ide agora!”, despediu-se.

Isildur voltou-se para o oeste e, tirando o Anel de uma bolsinha que pendia de uma fina corrente em torno de seu pescoço, colocou-o no dedo com um grito de dor, e nunca mais foi visto por pessoa alguma na Terra-média. Mas a Elendilmir do Oeste não podia ser apagada, e de repente resplandeceu vermelha e

irada como uma estrela em chamas. Os Homens e os Orques recuaram de pavor; e Isildur, puxando um capuz sobre a cabeça, desapareceu noite adentro.²⁵

Do que aconteceu aos Dúnedain, só isto se soube depois: não demorou muito para que estivessem todos mortos, à exceção de um, um jovem escudeiro atordado e sepultado sob homens tombados. Assim pereceu Elendur, que mais tarde deveria ter sido Rei, e, como predisseram todos os que o conheciam, em sua força e sabedoria, e sua majestade sem orgulho, um dos maiores, o mais belo da estirpe de Elendil, o mais semelhante ao seu ancestral.²⁶

Já de Isildur conta-se que sofreu grande dor e angústia no coração, mas de início correu como um cervo caçado pelos cães, até chegar ao fundo do vale. Lá parou para se assegurar de que não estava sendo perseguido; pois os Orques conseguiam rastrear um fugitivo no escuro pelo faro, e não precisavam dos olhos. Então prosseguiu com mais cautela, pois uma ampla baixada se estendia na escuridão diante dele, irregular e sem trilhas, com muitas armadilhas para pés errantes.

Assim foi que finalmente chegou à margem do Anduin no meio da noite, e estava exausto; pois fizera um trajeto que os Dúnedain, em terreno semelhante, não fariam mais depressa, marchando sem parar e durante o dia.²⁷ O rio turbilhonava, escuro e veloz, à sua frente. Ficou parado por algum tempo, em solidão e desespero. Então, apressado, lançou fora toda a sua couraça e suas armas, exceto uma espada curta presa ao cinto,²⁸ e mergulhou na água. Era um homem de força e resistência que, mesmo entre os Dúnedain daquela época, poucos conseguiam igualar, mas tinha pouca esperança de atingir a margem oposta. Antes de avançar muito, foi forçado a se virar quase para o norte, contra a corrente; e, por mais que se esforçasse, sempre era arrastado para baixo, em direção aos emaranhados dos Campos de Lis. Estavam mais perto do que ele pensara;²⁹ e, no mesmo instante em que sentiu a correnteza enfraquecer, e quase havia atravessado, estava se debatendo em meio a grandes

juncos e plantas pegajosas. Ali deu-se conta subitamente de que o Anel se fora. Por azar, ou por um acaso feliz, o Anel saíra de sua mão e fora aonde Isildur jamais poderia esperar reencontrá-lo. Inicialmente seu sentimento de perda foi tão avassalador que ele não se debateu mais, e teria submergido e se afogado. Mas, ligeiro como havia chegado, esse humor passou. A dor o abandonara. Um grande fardo fora removido. Seus pés encontraram o leito do rio, e ele, erguendo-se da lama, atravessou trôpego o juncal até uma ilhota pantanosa próxima da margem oeste. Ali levantou-se da água: apenas um homem mortal, uma pequena criatura perdida e abandonada nos ermos da Terra-média. Mas, para os Orques de visão noturna que se escondiam à espreita, ele se erguia como uma monstruosa sombra de pavor, com um olho penetrante como uma estrela. Atiraram nele suas flechas envenenadas e fugiram. Desnecessariamente, pois Isildur, desarmado, foi trespassado no coração e na garganta, e sem um grito caiu para trás na água. Nenhum vestígio de seu corpo jamais foi encontrado por Elfos ou Homens. Assim terminou a primeira vítima da malícia do Anel sem mestre: Isildur, segundo Rei de todos os Dúnedain, senhor de Arnor e Gondor, e o último naquela era do Mundo.

As fontes da lenda da morte de Isildur

Houve testemunhas oculares do ocorrido. Ohtar e seu companheiro escaparam, levando consigo os fragmentos de Narsil. A história menciona um jovem que sobreviveu à carnificina: era o escudeiro de Elendur, chamado Estelmo, e ele foi um dos últimos a tombar, mas foi atordoado por uma maça e não morreu, tendo sido encontrado vivo sob o corpo de Elendur. Ouviu as palavras de Isildur e Elendur quando se separaram. Houve um grupo de socorro que chegou à cena tarde demais, mas a tempo de perturbar os Orques e evitar que mutilassem os corpos: pois havia certos Homens-da-floresta que levaram notícias a Thranduil através de mensageiros, e eles próprios reuniram uma tropa para emboscar os Orques — do que estes ficaram sabendo e se dispersaram, pois, apesar da vitória, suas

A CAÇADA AO ANEL

(i)

*Da Viagem dos Cavaleiros Negros, de acordo
com o relato que Gandalf fez a Frodo*

Gollum foi capturado em Mordor no ano de 3017 e levado a Barad-dûr, tendo lá sido interrogado e torturado. Quando descobriu dele o que queria, Sauron o soltou e o mandou embora outra vez. Não confiava em Gollum, pois adivinhava nele algo indomável que não podia ser derrotado, nem pela Sombra do Medo, a não ser pela destruição. Mas Sauron percebeu a profundidade do rancor de Gollum contra os que o haviam “roubado” e, imaginando que ele iria em busca deles para se vingar, Sauron esperava que seus espões assim fossem conduzidos ao Anel.

Gollum, no entanto, foi logo capturado por Aragorn e levado ao norte de Trevamata; e, apesar de seguido, não pôde ser resgatado antes de estar sob custódia segura. Ora, Sauron jamais havia atentado para os “pequenos”, mesmo tendo ouvido falar deles, e ainda não sabia onde ficava sua terra. De Gollum, mesmo submetido a dor, não conseguiu obter nenhum relato claro, tanto porque o próprio Gollum de fato não tinha um conhecimento certo como porque falsificava o que sabia. Ele era em última análise indomável, exceto pela morte, como Sauron imaginava, tanto por sua natureza de pequeno como por uma causa que Sauron não compreendia plenamente, visto que ele mesmo era consumido pelo desejo do Anel. Então Gollum se encheu de um ódio por Sauron ainda maior que seu terror, pois nele via de fato seu maior inimigo e rival. Foi assim que ele ousou fingir acreditar que a terra dos Pequenos ficava próxima aos locais onde morara outrora, às margens do Lis.

Ora, Sauron, sabendo da captura de Gollum por seus principais inimigos, foi tomado de grande pressa e temor. No entanto, todos os seus espiões e emissários costumeiros não conseguiam lhe trazer notícias. E isso em grande parte decorria tanto da vigilância dos Dúnedain como da traição de Saruman, cujos próprios serviços emboscavam ou extraviavam os serviços de Sauron. Sauron deu-se conta disso, mas seu braço ainda não era bastante longo para alcançar Saruman em Isengard. Portanto escondeu seu conhecimento da duplicidade de Saruman e ocultou sua ira, aguardando o tempo propício e preparando-se para a grande guerra em que planejava varrer todos os seus inimigos para o mar ocidental. Por fim, resolveu que naquele caso só lhe serviriam os seus serviços mais poderosos, os Espectros-do-Anel, que não tinham vontade senão a dele próprio, já que cada um deles era totalmente subserviente ao anel que o escravizara, que Sauron detinha.

Ora, poucos podiam resistir até mesmo a uma só daquelas cruéis criaturas, e (como Sauron julgava) ninguém podia resistir-lhes quando estavam reunidos sob o comando de seu terrível capitão, o Senhor de Morgul. No entanto, para o propósito atual de Sauron, tinham o seguinte ponto fraco: era tão grande o terror que os acompanhava (mesmo invisíveis e despidos) que sua chegada podia logo ser pressentida, e sua missão adivinhada, pelos Sábios.

Assim foi que Sauron preparou dois golpes — nos quais mais tarde muitos viram as origens da Guerra do Anel. Foram desferidos juntos. Os Orques atacaram o reino de Thranduïl com ordens de recapturar Gollum; e o Senhor de Morgul foi enviado abertamente para combater contra Gondor. Essas ações ocorreram perto do final de junho de 3018. Assim Sauron testou a força e o preparo de Denethor, e descobriu que eram maiores do que esperara. Mas isso pouco o perturbou, pois usara pouca força no ataque, e seu principal objetivo era que o surgimento dos Nazgûl parecesse apenas parte de sua política de guerra contra Gondor.

Portanto, quando Osgiliath foi tomada e a ponte foi destruída, Sauron deteve o ataque e ordenou aos Nazgûl que

iniciassem a busca do Anel. Mas Sauron não subestimava os poderes e a vigilância dos Sábios, e mandou que os Nazgûl agissem com o máximo sigilo possível. Naquela época, o Chefe dos Espectros-do-Anel habitava em Minas Morgul com seis companheiros enquanto seu segundo, Khamûl, a Sombra do Leste, habitava em Dol Guldur como lugar-tenente de Sauron, com mais um como seu mensageiro.¹

O Senhor de Morgul, portanto, atravessou o Anduin, conduzindo seus companheiros, despidos, desmontados e invisíveis aos olhos, e no entanto terríveis para todos os seres vivos que passavam por perto. Era talvez o primeiro dia de julho quando partiram. Passaram devagar e furtivos, através de Anórien, sobre o Vau Ent e pelo Descampado e um rumor de trevas e um terror não se sabia de quê os precediam. Alcançaram a margem oeste do Anduin um pouco ao norte de Sarn Gebir, como haviam combinado; e ali receberam cavalos e trajes que atravessaram o Rio secretamente numa balsa. Isso foi (pensa-se) por volta de 17 de julho. Então saíram rumo ao norte buscando o Condado, a terra dos Pequenos.

Por volta de 22 de julho, encontraram seus companheiros, os Nazgûl de Dol Guldur, no Campo de Celebrant. Lá souberam que Gollum havia escapado tanto aos Orques que o recapturaram como aos Elfos que os perseguiam, e tinha desaparecido.² Também ficaram sabendo por Khamûl que nenhuma habitação de Pequenos podia ser descoberta nos Vales do Anduin, e que as aldeias dos Grados junto ao Lis estavam desertas havia muito. Mas o Senhor de Morgul, não vendo melhor alternativa, ainda insistia em buscar ao norte, talvez esperando topar com Gollum e também descobrir o Condado. Não lhe parecia improvável que este ficasse perto da odiada terra de Lórien, se é que não estava de fato no interior das cercas de Galadriel. Mas não desejava desafiar o poder do Anel Branco, nem ainda penetrar em Lórien. Portanto, passando entre Lórien e as Montanhas, os Nove cavalgaram sempre para o norte; e o terror os precedia e subsistia atrás deles; mas não encontraram o que buscavam nem souberam de nenhuma notícia que lhes fosse útil.

Por fim retornaram; mas agora havia muito que o verão acabara, e a ira e o temor de Sauron aumentavam. Quando voltaram ao Descampado, setembro chegara; e ali encontraram mensageiros de Barad-dûr que transmitiam ameaças de seu Mestre, que encheram de pavor até mesmo o Senhor de Morgul. Pois Sauron já havia ouvido falar das palavras proféticas escutadas em Gondor, da partida de Boromir, dos atos de Saruman, e da captura de Gandalf. De tudo isso concluiu de fato que nem Saruman, nem qualquer outro dos Sábios, ainda estava de posse do Anel, mas que Saruman ao menos sabia onde ele poderia estar escondido. Agora só a velocidade serviria, e o sigilo teria de ser abandonado.

Portanto, os Espectros-do-Anel receberam ordens de ir direto a Isengard. Atravessaram, então, Rohan às pressas, e o terror de sua passagem era tão grande que muita gente fugiu da região e partiu em debandada para o norte e o oeste, crendo que a guerra oriunda do Leste seguia de perto os cavalos negros.

Dois dias depois de Gandalf ter partido de Orthanc, o Senhor de Morgul deteve-se diante do Portão de Isengard. Então Saruman, já pleno de ira e temor em decorrência da fuga de Gandalf, percebeu o risco de se interpor entre inimigos, sendo traidor conhecido de ambos. Seu pavor era enorme, pois sua esperança de enganar Sauron, ou pelo menos receber seu favor em caso de vitória, perdeu-se totalmente. Agora ele próprio teria de conquistar o Anel ou então cair na ruína e no tormento. Mas ainda era alerta e astuto, e tinha organizado Isengard exatamente para enfrentar uma tal falta de sorte. O Círculo de Isengard era forte demais até mesmo para ser atacado pelo Senhor de Morgul e sua companhia sem grande força militar. Portanto seus desafios e suas exigências foram respondidos apenas pela voz de Saruman, que por alguma arte falava como se viesse do próprio Portão.

“Não é uma terra que buscais”, dizia ela. “Sei o que procurais, mesmo que vós não lhe pronuncieis o nome. Eu não o possuo, como seus serviços certamente percebem sem o dizer; pois, se o tivesse, vós vos inclinaríeis diante de mim e

me chamaríeis de Senhor. E, se eu soubesse onde esse objeto está oculto, eu não estaria aqui, mas teria partido muito antes de vós para tomá-lo. Só há uma pessoa que imagino tenha esse conhecimento: Mithrandir, inimigo de Sauron. E, já que faz apenas dois dias que ele partiu de Isengard, procurai por ele aqui perto.”

O poder da voz de Saruman ainda era tamanho que nem mesmo o Senhor dos Nazgûl questionou o que ela dizia, quer suas palavras fossem falsas, quer estivessem aquém da plena verdade. Ele se afastou de imediato do Portão e começou a caçar Gandalf em Rohan. Assim foi que, na tardinha do dia seguinte, os Cavaleiros Negros toparam com Gríma Língua-de-Cobra, que se apressava a levar notícias a Saruman de que Gandalf chegara a Edoras, e alertara o Rei Théoden dos desígnios traiçoeiros de Isengard. Naquela hora, o Língua-de-Cobra quase morreu de terror; mas, habituado à traição, teria dito tudo o que sabia diante de ameaças menores.

“Sim, sim, em verdade posso dizer-vos, Senhor”, afirmou. “Escutei o que conversavam em Isengard. A terra dos Pequenos: era de lá que Gandalf vinha, e para onde deseja voltar. Agora ele apenas busca um cavalo.

“Poupai-me! Falo com a rapidez possível. Para o oeste atravessando o Desfiladeiro de Rohan mais além, e depois rumo ao norte e um pouco a oeste, até que o próximo grande rio impeça o caminho. Chama-se Griságua. De lá, pela travessia em Tharbad, a antiga estrada vos levará à fronteira. ‘O Condado’, é como o chamam.”

“Sim, em verdade Saruman sabe a respeito. Chegaram-lhe mercadorias dessa terra pela estrada. Poupai-me, Senhor! De fato nada direi sobre nosso encontro a qualquer vivente.”

O Senhor dos Nazgûl poupou a vida do Língua-de-Cobra, não por compaixão, mas porque julgava que ele fora acometido de tão grande terror que jamais ousaria falar de seu encontro (como de fato ocorreu), e via que a criatura era malévola e provavelmente ainda causaria grandes danos a Saruman, caso vivesse. Por isso, deixou-o prostrado no chão e seguiu a cavalo,

sem se preocupar em voltar a Isengard. A vingança de Sauron podia esperar.

Dividiu então sua companhia em quatro pares, que cavalgariam separados, mas ele próprio seguiu à frente com o par mais veloz. Assim, saíram de Rohan pelo oeste e exploraram a desolação de Enedwaith, chegando por fim a Tharbad. De lá atravessaram Minhiriath; e, apesar de ainda não estarem reunidos, um rumor de medo se espalhou ao seu redor, e as criaturas selvagens se esconderam, e os homens solitários bateram em fuga. Mas capturaram alguns fugitivos na estrada; e, para deleite do Capitão, descobriram que dois deles eram espíões e serviçais de Saruman. Um fora frequentemente empregado no tráfico entre Isengard e o Condado, e, apesar de ele mesmo não ter passado além da Quarta Sul, possuía mapas preparados por Saruman que claramente representavam e descreviam o Condado. Os Nazgûl apossaram-se deles e o mandaram prosseguir até Bri para continuar espionando; mas o preveniram de que estava agora a serviço de Mordor; e, se um dia tentasse voltar a Isengard, eles o matariam sob tortura.

A noite estava terminando no dia 22 de setembro quando, reunindo-se outra vez, chegaram ao Vau Sarn e aos limites mais meridionais do Condado. Encontraram-nos vigiados, pois os Caminheiros lhes impediam o caminho. Mas essa era uma tarefa além do poder dos Dúnedain; e talvez assim tivesse sido mesmo que seu capitão Aragorn estivesse com eles. Mas ele estava longe no norte, na Estrada Leste perto de Bri; e o coração dos próprios Dúnedain os deixou apreensivos. Alguns fugiram para o norte, esperando levar notícias a Aragorn, mas foram perseguidos e mortos ou expulsos para os ermos. Alguns ainda se atreveram a fechar o vau e mantiveram posição enquanto durou o dia, mas à noite o Senhor de Morgul os arrasou, e os Cavaleiros Negros entraram no Condado. Antes que os galos cantassem na madrugada do dia 23 de setembro, alguns cavalgavam para o norte através da região, ao mesmo tempo em que Gandalf, montado em Scadufax, cavalgava por Rohan muito atrás deles.